

Conceição: Moratória é maluquice

GUIOMAR CAMPELO
Da Editoria de Economia

A enrascada política em que se meteu Ronald Reagan com a venda de armas ao Irã, que desmoraliza o presidente norte-americano, a desorganização total do sistema capitalista e a perda de poder do comitê de bancos, "que não manda mais nada", foram apontados pela economista Maria da Conceição Tavares como três fatores que impedem o Brasil de suspender o pagamento dos serviços da dívida externa e declarar uma moratória unilateral, como vêm sugerindo políticos e economistas do próprio PMDB.

Homenageada pelos participantes do XIV Encontro Nacional de Economistas, na noite de quinta para sexta-feira, Maria da Conceição Tavares tachou de "maluquice" a idéia da moratória e disse estar torcendo para convencer os políticos, os sindicatos, as representações da sociedade para que fiquem atentos para a gravidade do momento, observando que tem certeza de que entre janeiro e março o País viverá um momento duríssimo. "Nós vamos começar uma negociação externa difícilíssima, na qual as chances reais que temos são de obter no máximo um jogo de soma zero ou ligeiramente positivo". Segundo ela, a idéia ingênua da moratória é uma maluquice e o País só deve chegar a esse ponto se for obrigado, "porque o esforço econômico, a restrição econômica e social que isso im-

plica é muito grande". Afirmar que o País vive numa economia de guerra, segundo a professora, soa bonito apenas para quem nunca viu uma guerra, como ela viu.

De acordo com a professora Maria da Conceição Tavares, a economia mundial não vive os mesmos momentos de 1982, quando o Brasil podia ir junto com o México e a Polónia pressionar para obter vantagens, pois naquela época os países industrializados, credores, estavam vulneráveis, e expostos à dívida latino-americana. Naquele tempo, esclarece, existiam US\$ 3 trilhões circulando no mercado e hoje apenas US\$ 1 trilhão permanece circulando. "A descoordenação do sistema capitalista não tinha chegado ao ponto que chegou". Hoje, disse, o Comitê de bancos não manda nada e a prova disso é que um país pequeno como a Costa Rica deixou de pagar, com o apoio do FMI, e o Citybank moveu-lhe uma ação". O presidente do Federal Reserve, Paulo Volcker, teve que intervir para evitar a ação e comprou uma briga com o City".

Ela entende também que para negociar a dívida externa não é necessária apenas a ida dos ministros da área econômica ao exterior, mas uma união de forças para negociar em separado com europeus, japoneses e americanos. "Tenho mais esperança nos negócios juntos, de fundos de investimentos, bolsas, do que numa negociação global, com o conjunto de banqueiros".